



instituto
fazendo
história

i f H

Roda Aberta:

escuta para profissionais do Acolhimento na
pandemia de COVID-19

Apresentação

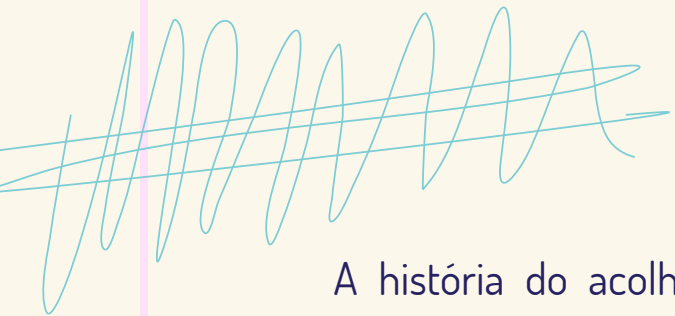
por CLARISSA DE TOLEDO TEMER



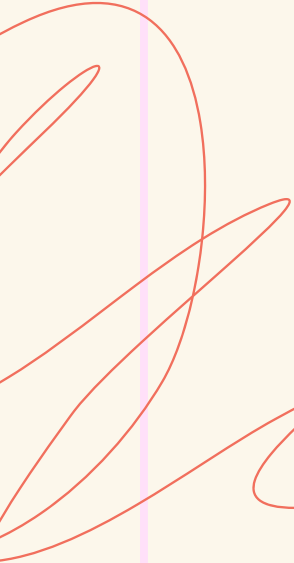
Roda mundo, roda-gigante
Roda moinho, roda-peão
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração

Chico Buarque

Roda dos Expostos. Assim eram chamadas caixas duplas de formato cilíndrico adaptadas em muros de instituições caridosas, para que lá fossem deixadas crianças cujos pais, por alguma razão, não as podiam criar. Os bebês eram colocados na parte externa da caixa para esta em seguida ser rodada para dentro da instituição e desaparecer aos olhos da sociedade.



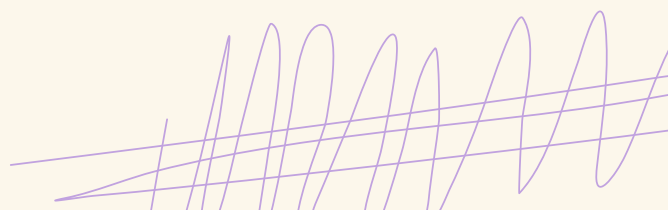
A história do acolhimento de bebês, crianças e adolescentes no Brasil, remonta à nossa origem escravocrata, revela a desigualdade social que separa os seres humanos que valem daqueles que não valem. Mas felizmente, desde a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, muitos avanços foram e vêm sendo feitos no sentido de reconhecer esses jovens como cidadãos e sujeitos de direito. A partir daí por exemplo, as instituições de acolhimento que antes eram enormes, funcionando como verdadeiros depósitos de “menores carentes” converteram-se em instituições denominadas serviços de acolhimento; com um trabalho focado no atendimento individualizado e nas necessidades de cada criança ou adolescente. Uma conquista importantíssima, mesmo que ainda haja muito a se fazer pela garantia dos direitos previstos em lei. Mas em qualquer tempo, época ou modelo institucional, algo sempre se manteve: estes bebês, crianças ou adolescentes, uma vez separados de suas famílias, passam a ser cuidados por outros adultos. E é a partir desse laço que se espera que estes pequenos seres ainda em desenvolvimento se constituam não só como sujeitos de direitos, mas também como sujeitos psíquicos que ao se tornarem adultos, estejam aptos a cuidar de si mesmos de forma amorosa e responsável.

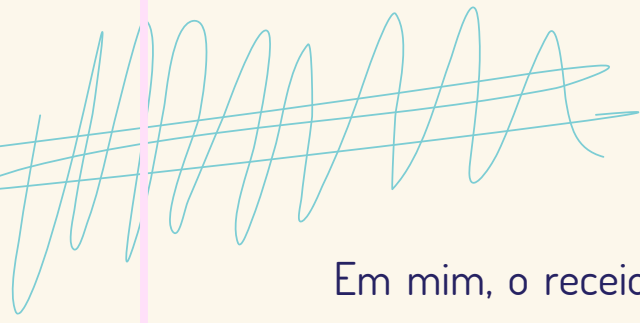


Desde que o acolhimento institucional deixou de ser um trabalho filantrópico e se transformou em uma política pública e os adultos responsáveis por executá-la, passaram a ser vistos como profissionais e não como almas caridosas, sabe-se que estes, também precisam de acolhimento e apoio para sustentarem sua árdua tarefa, sua grande responsabilidade.

E o que se pode dizer dessa tarefa sendo ainda atravessada pelas limitações e angústias de uma pandemia? Como estariam esses adultos vivendo aquele momento? Foi essa pergunta que a coordenadora do Com Tato fez a nós, supervisoras do programa, enquanto estávamos ainda aturdidadas com o desafio de manter atendimentos e supervisões clínicas no formato virtual. Junto à pergunta, fazia um convite para aqueles que quisessem e pudessem abrir horários para a escuta de educadores e técnicos dos serviços de acolhimento, através de encontros virtuais e em grupo.

Imaginar a situação dos SAICAs, com visitas familiares suspensas, educadores tendo que trabalhar presencialmente e crianças em educação à distância, despertou em mim um senso de urgência, um desejo de me engajar na ação sem nem mesmo avaliar se teria tempo real para isso. E foi o que fiz, sem titubear. Infelizmente, não consegui acompanhar muitas rodas, mas nas quais estive presente escutei adultos expostos a um cenário que parecia jogar uma lente de aumento em uma delicada intersecção entre todas as questões inerentes ao universo do acolhimento e os desafios inéditos trazidos pela pandemia. Chamaram-me a atenção a predominância de conteúdos paranoicos, persecutórios, em falas que revelavam a preocupação em provar que faziam de tudo para “não contaminar nem serem contaminados”, acompanhadas por críticas severas àqueles que podiam ser responsáveis por eventuais contágios. Separar, isolar, limpar, higienizar, viraram palavras de ordem. Significantes presentes no imaginário do acolhimento ganhavam força.





Em mim, o receio: no que a pandemia poderia contribuir para um retrocesso nas conquistas historicamente recentes da política de acolhimento no Brasil? Especialmente no tocante ao lugar e olhar para as famílias de origem dos acolhidos. O velho horror causado por famílias pobres, negras, “desestruturadas”, ganhavam um bom pretexto. Afinal, toda aquela “sujeira” que traziam podia ser fatal. Escutei também dor, desamparo, resiliência e muito comprometimento. Apesar de acontecer na tela plana, a roda ia cumprindo sua função de circunscrever, dar contorno à angústia não só dos profissionais dos serviços, mas à minha também. Poder chegar em todos os cantos do Brasil, me aproximar de pessoas tão distantes, me ajudou a construir alguma potência, amenizar a solidão do isolamento social - termo da pandemia, mas bem pertinente para representar um país que aparta sujeitos por suas classes sociais. Essas escutas me ofereceram algum alento, aquele que se encontra quando sujeitos podem se dar as mãos, como nos rituais primitivos quase sempre circulares e nas brincadeiras de roda das crianças.

Há mais de um ano após o início desta experiência, penso na imagem da roda dos expostos, que rodava para dentro - escondendo o abandono - em relação a nossa roda aberta, que rodou para fora, expondo a vulnerabilidade na qual esses profissionais se encontravam. E concluo que apesar do temor que senti de possíveis retrocessos no universo do acolhimento causados pela pandemia ou por mecanismos políticos perversos de exclusão, certas realidades não se permitem mais silenciar. Felizmente, a roda da história não roda para trás.

Introdução

A disseminação do novo coronavírus (Covid-19) e a declaração pública do estado de pandemia em março de 2020 exigiu que o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) não apenas mantivesse o funcionamento regular de serviços e programas socioassistenciais voltados à população em risco social, mas buscasse formas de mitigar os efeitos da situação de emergência em saúde pública em um trabalho articulado com o Sistema Único de Saúde (SUS) e o Sistema de Justiça.

Nesse contexto, os serviços de acolhimento para crianças e adolescentes mantiveram seu funcionamento regular, em todo território nacional nas modalidades: abrigo institucional, casa lar e famílias acolhedoras. Os riscos de transmissibilidade da doença associados ao caráter coletivo da grande maioria destes serviços e ao fluxo diário de profissionais, exigiu a adoção de medidas emergenciais de reorganização.



Tais providências incluíram orientações específicas para o acolhimento de crianças e adolescentes e, recomendações quanto a medidas e procedimentos relacionados para prevenir a disseminação do vírus, e mitigar riscos relacionados à Covid-19 nos Serviços de Acolhimento do país, incentivando-se adaptações necessárias às características locais. (BRASIL, 2020d).[1]

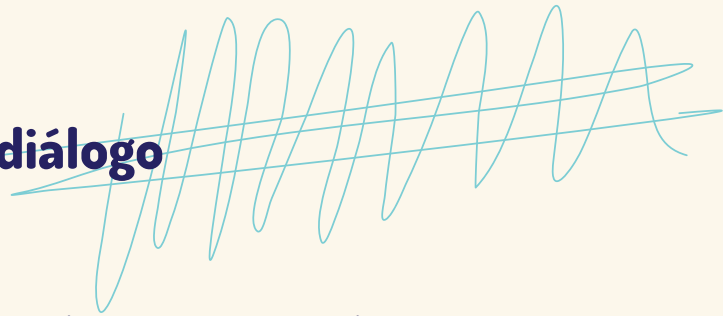
Não foram poucos os desafios e as necessidades de adaptação das equipes de trabalhadores dos serviços de acolhimento. Nesse sentido, as orientações também preconizaram formas de cuidado para os cuidadores, incluindo atenção à saúde mental, para além da física, por meio de “canais de diálogo remoto entre os trabalhadores, para compartilhamento das dificuldades, dúvidas, troca de experiências e apoio mútuo” e “estratégias de suporte emocional especializado, como conexão com redes de psicólogos para atendimento remoto”.

Em consonância a essas orientações de cuidado, o Instituto Fazendo História mobilizou e organizou sua rede de psicólogas e psicanalistas voluntárias para oferecer a Roda Aberta – um espaço virtual de escuta para profissionais do Acolhimento no contexto da pandemia e do isolamento social por ela imposto. Compartilhamos neste documento o registro da rica experiência de cuidado e atenção aos profissionais do acolhimento vivido nas rodas.

[1] BRASIL. Secretaria Nacional de Assistência Social Secretaria Especial de Desenvolvimento Social Ministério da Cidadania. Informativo sobre a Nota Técnica SNAS nº 11/2020. Brasília, 24 de abril de 2020g. Disponível em: <https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/crianca-e-adolescente/coronavirus_-_material_tecnico/informativo_snas_nota_tecnica_acolhimento_crianças_adolescentes_portaria59_2020.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2021

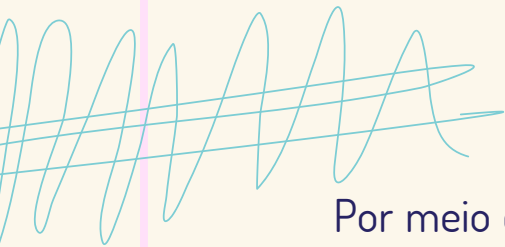
Oferecemos aqui um relato do que elas nos convidaram a refletir sobre os efeitos da pandemia, tanto aqueles que emergem do desamparo frente ao desconhecido, quanto de desamparos antigos e recorrentemente silenciados.

Roda Aberta – um convite ao diálogo



A Roda Aberta foi uma ação realizada entre abril e dezembro de 2020, em meio à pandemia de COVID-19, por um grupo de supervisoras clínicas e a coordenadora do programa de psicoterapia Com Tato do Instituto Fazendo História[1]. A iniciativa consistiu em um espaço virtual oferecido aos profissionais do acolhimento para escuta de possíveis sofrimentos decorrentes desse contexto tão incerto, assustador e mobilizador de afetos de várias ordens.

O funcionamento do dispositivo foi elaborado com a participação ativa de todas, por meio de reuniões virtuais e constante troca de mensagens. As decisões tomadas em grupo incluíram aspectos metodológicos (duração dos encontros on-line, número de participantes, oferta de horários e plataforma para os encontros) e o compartilhamento de um relato breve de cada roda realizada. Cada relato suscitava reflexões que abasteciam o grupo para eventuais ajustes na ação.



Por meio das redes do Instituto Fazendo História, foi divulgada uma plataforma de inscrições com a agenda de encontros semanais. Cada encontro tinha duração de 90 minutos, aconteceu com a facilitação de uma supervisora e um limite de até seis participantes, que podiam se inscrever em quantas rodas quisessem.

Texto do convite

Roda Aberta é um espaço de escuta oferecido para os profissionais dos serviços de acolhimento institucional SAICAs (técnicos, educadores e demais trabalhadores).

Se, nesse momento da pandemia, você está se sentindo sobrecarregado, com medo ou com necessidade de conversar, entre na roda!

Preencha seu nome, contato, serviço onde trabalha e escolha um dos horários disponíveis. Preencha uma ficha nova, caso queira participar de mais horários.

VOCÊ PODE PARTICIPAR DE QUANTOS ENCONTROS QUISER. LIMITE DE 6 PARTICIPANTES POR ENCONTRO

Por definição, as rodas não tinham o objetivo de supervisão ou formação profissional. No dia e hora marcados, a facilitadora recebia os participantes com a consigna de falar sobre o que se passava, de forma livre e não estruturada. O pressuposto era que os serviços de acolhimento estariam direta e profundamente afetados pela nova realidade da pandemia e do isolamento social imposto por ela. A aposta da Roda era oferecer um espaço em que a produção coletiva de nomeação e de circulação da palavra tivesse efeito potencializador no enfrentamento da difícil situação vivida.

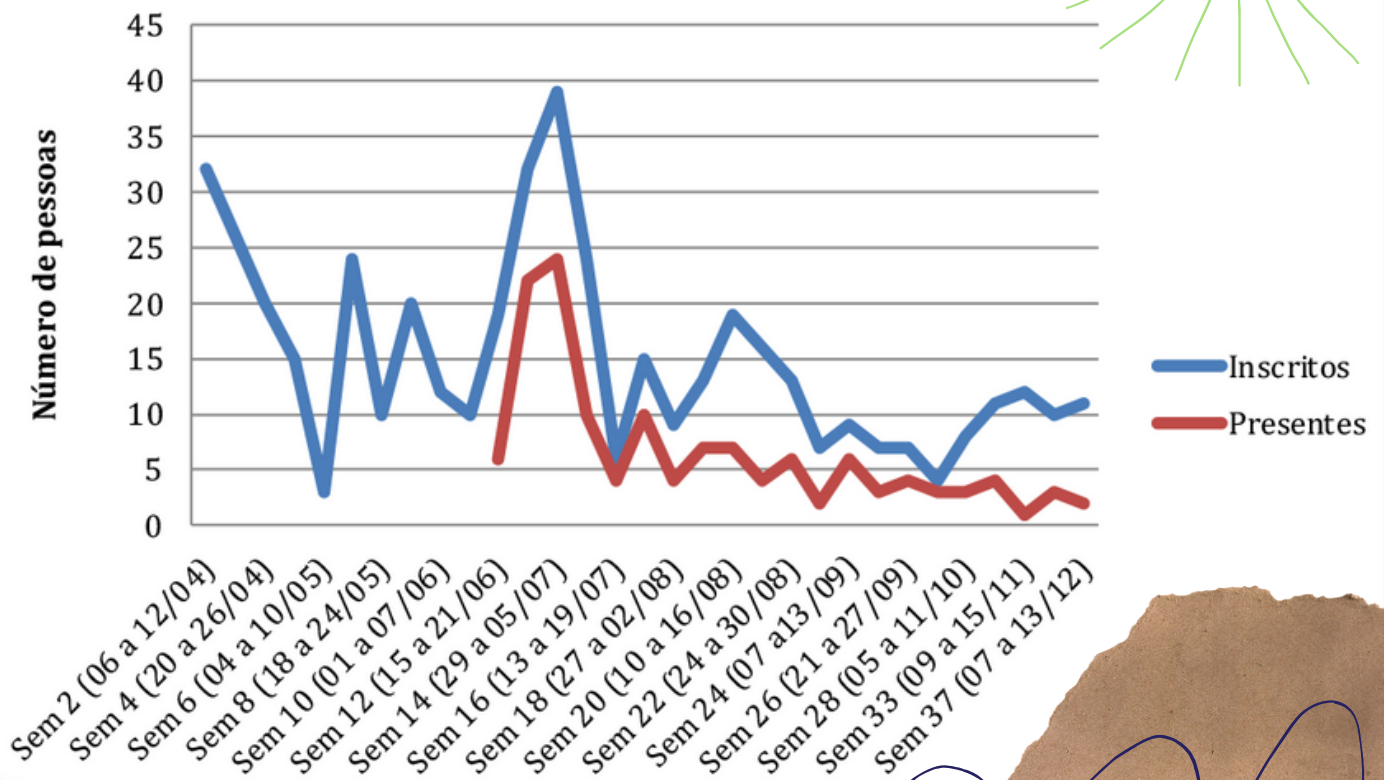
Uma roda que aberta a quem quisesse participar estaria apta a acolher angústias, fantasias e temores. Enfim, um espaço e um tempo para falar entre pares sobre o que vinham enfrentando em seus cotidianos, contando para isso com a mediação de um terceiro, estrangeiro a essa realidade e em condições de facilitar a circulação da palavra.

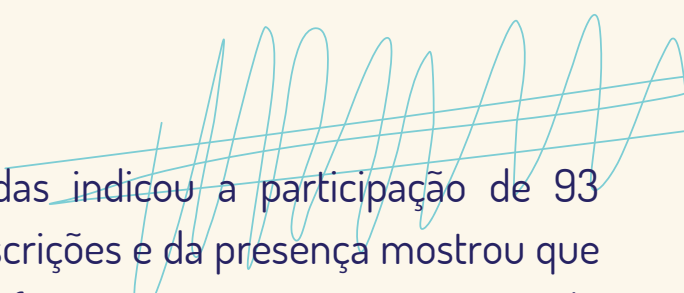
Participantes da Roda Aberta

Desde as primeiras rodas, ficou claro o grande alcance que o formato virtual teria em termos de romper a barreira geográfica e acessar pessoas em todo o território nacional. Das 492 inscrições realizadas entre abril e dezembro de 2020, a maior participação foi de profissionais do estado de São Paulo (46,54%), sendo 13% da capital paulista[3].

[3] Ver Anexos - Tabela 1

Participantes do Roda Aberta

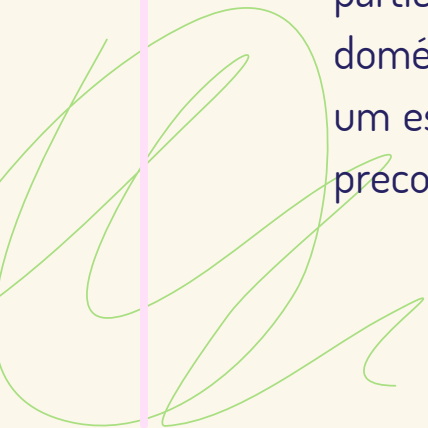


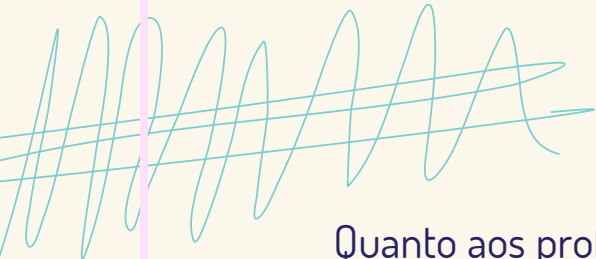


O registro da presença nas rodas indicou a participação de 93 pessoas na ação. A análise das inscrições e da presença mostrou que um pequeno grupo de 16 pessoas foi recorrente tanto no número de inscrições (até 14), quanto na efetiva presença nas rodas (até 9). Outras 77 pessoas participaram de uma única roda, enquanto 220 pessoas fizeram inscrição, mas não chegaram a participar. Para além de pensar nas dificuldades tecnológicas ou no não compromisso com uma atividade gratuita, é importante refletir o que esse número pode dizer do próprio funcionamento dos serviços de acolhimento.

A análise da recorrência das inscrições mostrou que 25% das pessoas foram responsáveis por mais da metade das inscrições (52%), sugerindo que essas pessoas estavam interessadas e insistiram nas tentativas de participar. O que levaria alguém a se inscrever em um espaço de escuta (gratuito e opcional) e não comparecer? O que levaria alguém a repetir uma inscrição, em até oito vezes, e não participar? Seriam impedimentos em função da tecnologia, dos horários oferecidos ou por demandas do próprio trabalho?

Não foram pesquisados os motivos da não participação, mas o que efetivamente chegava nas rodas eram as dificuldades tecnológicas de acesso ao ambiente virtual e de disponibilidade de espaço (local com privacidade) e de tempo para esse tipo de reflexão. Muitas participações foram interrompidas por demandas do SAICA ou domésticas, mostrando a dificuldade dessas pessoas em usufruir de um espaço de cuidado para elas mesmas, ainda que isso tenha sido preconizado pelas orientações oficiais.





Quanto aos profissionais que estiveram presentes nas rodas, a maior parte foi composta pelas equipes técnicas (55%). A presença de menos educadores (36,7%), mesmo eles sendo proporcionalmente a maioria nos serviços, sugere a dificuldade adicional de acesso a espaços de cuidado para essas pessoas, especialmente no modelo virtual. O próprio convite para as inscrições era, em geral, acessado pelas equipes técnicas e a disponibilização para os educadores dependia delas. Além disso, nas rodas houve relato de serviços em que as equipes técnicas seguiram em trabalho remoto, enquanto os educadores permaneceram em atividade presencial. Nesse cenário específico, as demandas da rotina de trabalho dentro do serviço poderiam ser um limitador à maior participação.

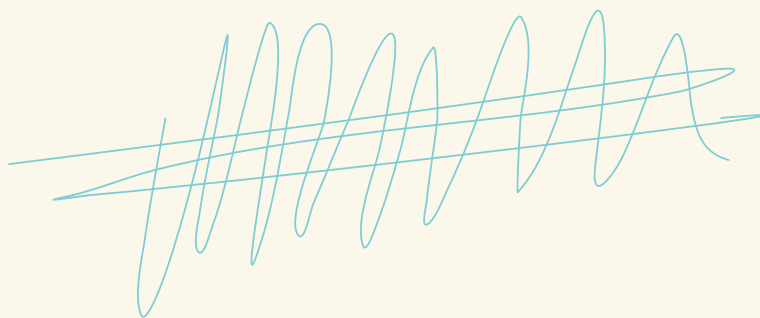


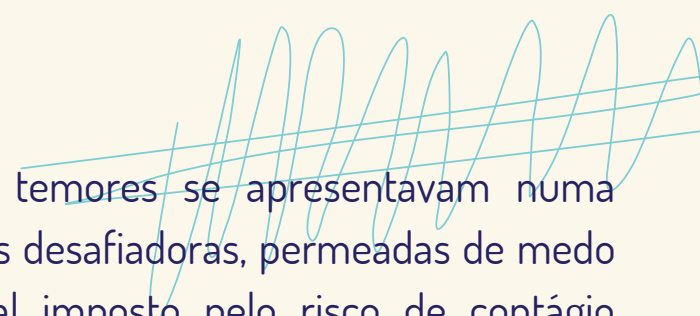


Relatos e reflexões: aprendizados da Roda Aberta

Nas primeiras rodas, os relatos traziam o impacto e o susto da situação imposta. A ameaça de contaminação deles próprios e de suas famílias, aliada à pouca estrutura de proteção oferecida por muitas instituições, foram nomeadas e pensadas conjuntamente. Reconhecer entre pares o enfretamento de situações comuns e o relato de boas e inventivas soluções, que transmitiam a construção de saídas, fizeram um amortecimento inicial.

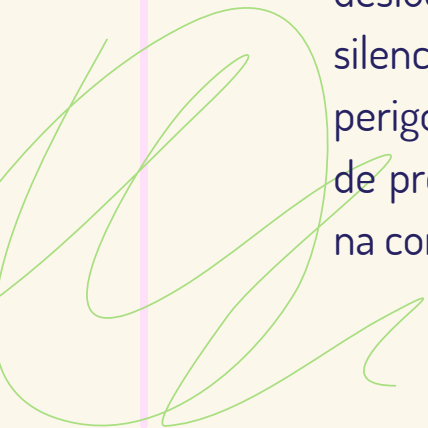
Muitas vezes os participantes se referiam às rodas como um espaço de reconhecimento e legitimação de suas práticas, de acolhimento de angústias e de trocas muito ricas de experiências institucionais. Para alguns, a nomeação grupal da angústia frente à reação das crianças, adolescentes e adultos, especialmente em relação às manifestações mais contundentes de raiva como expressão do sofrimento, dava um primeiro contorno com palavras para o excesso circulante.



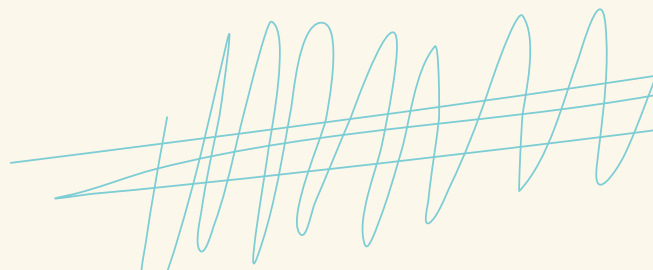


Nas rodas abertas, dúvidas e temores se apresentavam numa pluralidade de temas e situações desafiadoras, permeadas de medo e angústia. O isolamento social imposto pelo risco de contágio produziu um (re)encontro com aspectos do acolhimento, presentes muitas vezes de forma velada. Os não ditos da medida de proteção, naquilo que ela paradoxalmente encerra de rupturas, isolamento e estigmatização, puderam ganhar palavra de forma deslocada nos relatos das rodas. A pandemia configurou-se em um estranho, bastante familiar.

A medida protetiva que se propõe como garantia de direitos, fundamentalmente o do convívio familiar e comunitário, parecia às voltas com seus maiores desafios. Falar da pandemia e de seus efeitos, permitia falar sobre isolamento, lutos, rupturas e perdas de convívio, temas presentes no cotidiano do acolhimento. Estratégias inventivas para lidar com a falta de contato pessoal com familiares, professores, colegas de escola, padrinhos afetivos, poderiam afinal ser incorporadas ao trabalho rotineiro das equipes, ampliando possibilidades para além da pandemia. O contato virtual, por carta, à distância no portão estiveram entre os relatos do esforço de se fazer presente. Em outros casos, o afastamento e silêncios aprofundaram distâncias sombrias de um isolamento já conhecido.



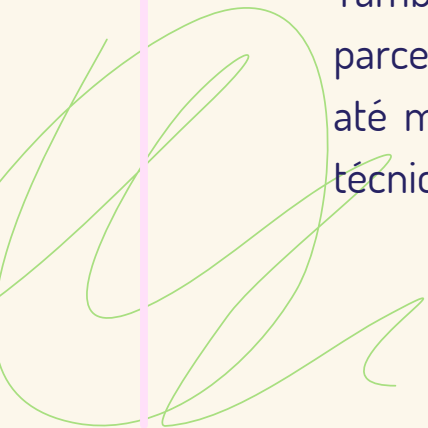
O medo de contato, do contágio e da doença também, por deslocamento, carregava aspectos delicados dos estigmas silenciados e que permeiam a vida no acolhimento. “Ter contato é perigoso”. O uso (agora concretamente necessário) de equipamentos de proteção, como máscaras, luvas e álcool em gel, deixava marcas na comunicação, no contato e no convívio entre profissionais,



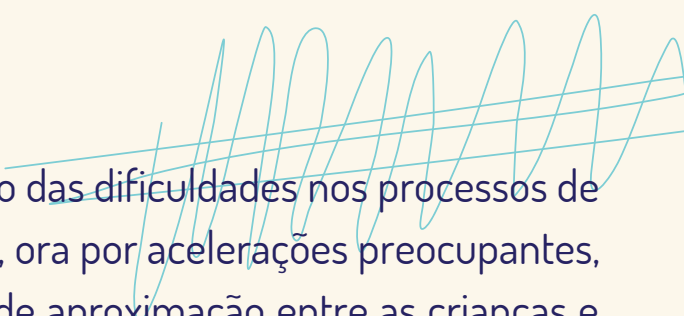
crianças, adolescentes e familiares. Incertezas de diversas ordens sobre como se proteger do vírus e da doença, também falavam do horror do encontro com o desamparo humano.

O desamparo aparecia também expresso no cansaço com a rotina exaustiva, pelas demandas advindas da própria pandemia, mas que revelavam algo mais da precariedade já conhecida no trabalho da assistência. Somava-se à falta de pessoal, agravada por licenças médicas, novas demandas. Atividades escolares (excesso, falta, perda de conteúdo) foram constantes nas rodas. Educadores sociais, muitas vezes sem o conhecimento necessário, se viram envolvidos diretamente nas atividades escolares de crianças e adolescentes, mesmo sem equipamentos suficientes e/ou adequados para acesso às aulas on-line.

O sofrimento de jovens e adolescentes, impedidos de circularem além dos muros da instituição e de receberem visitas, foi um outro ponto muito presente nas rodas. A dificuldade de sustentação de regras e limites, diante da restrição do contato social; a necessidade de se construir novos acordos que pudessem ser respeitados e que preservassem tanto a saúde dos adolescentes quanto dos demais; as fugas, problemáticas sexuais, bem como situações extremas de difícil manejo estiveram presentes em muitos relatos.



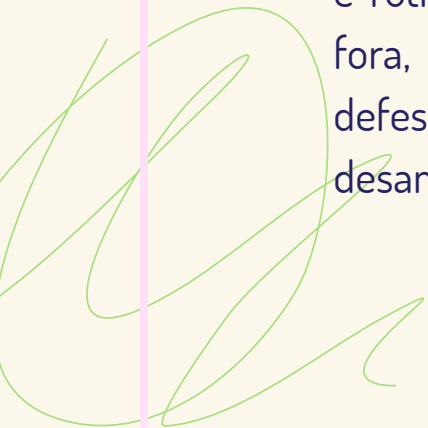
Também foram relatadas dificuldades para estabelecer e/ou manter parcerias entre profissionais das equipes, com a gestão do serviço e até mesmo com diferentes agentes da rede de cuidado, como os técnicos do judiciário, dos equipamentos de saúde e das escolas.

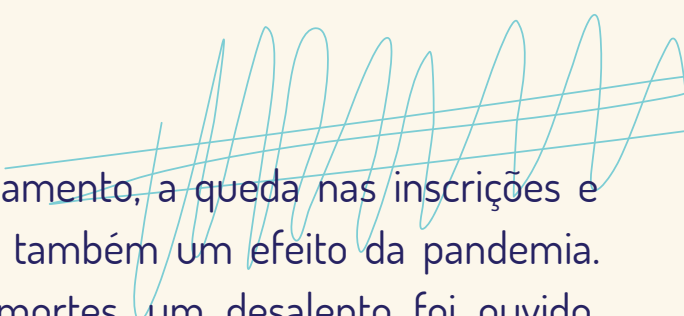


Apareciam nas rodas um aumento das dificuldades nos processos de reintegração familiar e de adoção, ora por acelerações preocupantes, ora por paralizações do trabalho de aproximação entre as crianças e as famílias. Também foram ouvidos os efeitos do aumento das incertezas e interrupções nos processos e projetos de construção de autonomia, particularmente para os adolescentes que estavam em vias de sair do serviço de acolhimento.

Nesse sentido, as rodas, ao promoverem a escuta do desamparo, abriam espaço para legitimar a necessária elaboração do sentimento de impotência e de tantos lutos. Abria-se, ao mesmo tempo, a possibilidade de reconhecer, em meio a tantas incertezas e dúvidas sem respostas, recursos disponíveis e esperança.

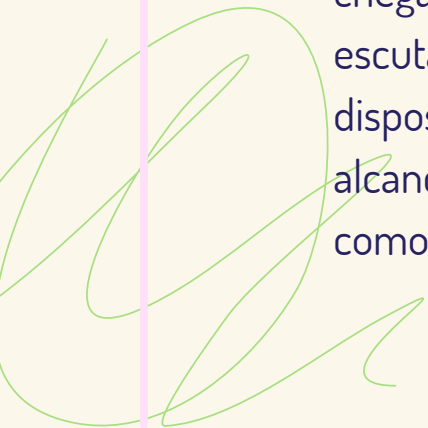
Foi muito rico testemunhar a diversidade dos serviços pelo Brasil. O modelo virtual permitiu o encontro de pessoas e trocas de experiências de profissionais de todos os cantos e regiões. O interesse com o qual se ouviam e a tentativa de transposição de realidades foi um exercício ao vivo e em cores do trabalho com a diferença. Desde condições materiais até a estrutura de retaguarda para os equipamentos de cuidado, mas também as diferenças culturais, permitiram uma certa posição estrangeira frente a um trabalho bastante familiar. Esta condição foi responsável, em alguns encontros, pelo surgimento de uma força de subversão daquilo que é rotineiramente visto e escutado. Ou seja, eram pares que desde fora, mas também de dentro, podiam, ao se escutar, desmontar a defesa frente ao sofrimento dos acolhidos, desvelando a condição de desamparo vivido por todas e todos.

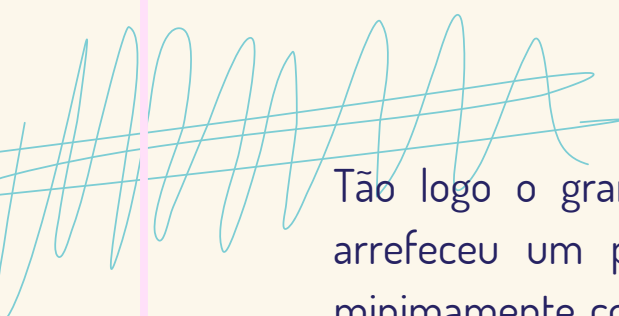




Dois meses após o início do isolamento, a queda nas inscrições e participações nas rodas pareceu também um efeito da pandemia. Dado o aumento dos casos e mortes, um desalento foi ouvido. Decidimos manter os espaços de escuta, mesmo que com poucos participantes, e nosso compartilhamento de relatos, como importante espaço de reflexão conjunta. Encontros com grupos maiores traziam nova energia para as mediadoras que seguiam apostando e investindo nas rodas. Eram movimentos da “roda a girar” – uma possibilidade de contato mais próximo com a realidade vivida nos serviços de acolhimento, além de uma forma de manter viva a esperança e a capacidade de criar e pensar.

Também aconteceram rodas de uma pessoa só, ou seja, encontros nos quais não se formava um grupo. Nesses casos, em geral, surgia um sentimento de frustração por parte do único participante que chegava com expectativa de uma troca com outros profissionais, colocando em cena o sentimento de isolamento e solidão. Angústias que eram acolhidas e processadas com apoio das mediadoras. Em algumas dessas ocasiões tivemos contato com profissionais bastante fragilizados e a temática trabalhada acabava mais centrada no sofrimento daquele sujeito e nos possíveis encaminhamentos do que estava sendo relatado. Como nosso dispositivo não se constituía numa proposta terapêutica *stricto sensu*, mas num espaço de acolhimento e processamento com possibilidades terapêuticas, chegamos a indicar, em alguns casos, a procura de um espaço de escuta mais frequente. Crescia, na equipe, o entendimento desse dispositivo como um espaço de escuta e de acolhimento, ainda que alcançando poucas pessoas. “Um lugar onde é possível confiar”, como dito por um participante.





Tão logo o grande impacto do nonsense dos primeiros meses arrefeceu um pouco, e que aquela vertigem inicial foi sendo minimamente compreendida, as rodas foram se concentrando nos grandes e conhecidos temas dos serviços de acolhimento: sexualidade dos adolescentes, conflitos entre equipe técnica e educadores, dificuldade do trabalho com as famílias, brigas entre os acolhidos, angústias ligadas ao cotidiano do trabalho. Observamos a presença recorrente de algumas (poucas) pessoas, num movimento de busca por uma interlocução sobre problemas cotidianos e precarização do trabalho. Algo que remetia a uma busca por um tipo de supervisão ou qualificação profissional, não previstas na proposta das rodas. A pandemia intensificava questões já presentes, deixando uma inquietação sobre a ainda presente dificuldade em abrir espaços de escuta para o sofrimento dos trabalhadores dos serviços de acolhimento.



Conclusão

Os participantes das rodas vieram de todo o Brasil, na maioria do interior do Estado de São Paulo, em busca, principalmente, de respostas para incertezas e angústias frente aos novos desafios impostos aos serviços de acolhimento no momento de pandemia e de isolamento. Ao longo dos encontros, podia-se ouvir um tom de desamparo, intensificado pelo confinamento. Angústias eram trazidas no contexto do trabalho dos profissionais dos SAICAS, e se referiram à quebra das rotinas e à construção de estratégias conjuntas para lidarem com o vazio e o medo provocados pelo Coronavírus.

Na maioria dos encontros, a pandemia foi um disparador para outras questões e conflitivas institucionais aparecerem. As rodas abriram espaço para que os participantes pudessem trazer suas próprias angústias e ansiedades, sentimentos de impotência e vulnerabilidade e seus reflexos no trabalho diário com as crianças e os adolescentes. Frustração, cansaço, sensação de isolamento, solidão, medo da morte e de não dar conta estavam entre os sentimentos evocados pela pandemia, mas que já estavam presentes antes mesmo da quarentena.

Percebeu-se, por certos relatos, um ~~recrudescimento da negação~~ para evitar lidar com as ~~consequências da percepção~~ de uma realidade tão penosa, quanto à da pandemia e seus efeitos.

Também ouvimos o relato sobre novas práticas, profissionais de diferentes tipos de serviços de acolhimento que trouxeram experiências novas, que precisaram ser construídas nesse momento desafiador em uma demonstração de potência e criatividade excepcionais, considerando-se todo o desamparo suscitado e a falta de recursos que também faz parte da realidade desses serviços.

A Roda Aberta foi uma aposta na possibilidade de fazer a palavra circular e transformar pânico, perda, luto, apreensão, dificuldades e angústias, em possibilidades de ousar pensar num futuro. Foi a constituição de uma oportunidade reflexiva muito além do exercício racional de pensar situações problema. Estávamos imersos numa condição de extrema fragilização, mas simultaneamente em posição - não planejada ou programada - de estrangeiros frente ao cotidiano, o que, em algumas ocasiões, abalou positivamente um imaginário acerca de um fazer de todo o dia.



Anexo

Tabela 1 – Inscrições nas rodas por estado e função

Estado	Educador	AS	Psicólogo	Gerente	s/Id	Outro	Total	(%)
SP	66	39	58	28		38	229	46,54
MG	8	20	4	3		1	36	7,32
RN	33	1		1			35	7,11
PR	11	5	4	4		1	25	5,08
RS	1	4	2	17		3	27	5,49
MS	3	1		2		1	7	1,42
RJ			1	3		4	8	1,63
CE	2	1	3			1	7	1,42
PE	3	2		1		2	8	1,63
RR		9					9	1,83
PA			2	1		1	4	0,81
SC		1	2	1			4	0,81
BA	1		1	1			3	0,61
DF			1			1	2	0,41
RO			1			1	2	0,41
TO		1		1			2	0,41
AM		1					1	0,2
GO	1						1	0,2
SE				1			1	0,2
MA		1					1	0,2
ES				1			1	0,2
S/Id					79		79	15,85
Total	130	86	79	65	78	54	492	100